

# MARXISMO, PÓS-MARXISMO E REALISMO CRÍTICO: reflexões acerca do debate Bhaskar/Laclau\*

Neil Curry'

## Resumo

Em recente encontro na Universidade de Essex, Roy Bhaskar e Ernesto Laclau discutiram e debateram suas respectivas abordagens: realismo crítico e teoria do discurso. A presente contribuição identificará e elaborará alguns dos pontos cruciais (convergentes e divergentes) que emergiram desta discussão, a partir do exame das idéias centrais do realismo crítico e da teoria do discurso. Em particular, focarei a distinção de Bhaskar entre as dimensões transitiva e intransitiva, e a distinção de Laclau entre essência e ser. A partir deste debate, questionarei o que significa ser "realista" para ambos os teóricos e determinarei a que tipo de discurso materialista cada um adere. Na segunda parte do artigo, questionarei o pressuposto implícito segundo o qual o realismo crítico pode ser facilmente assimilado ao marxismo, e a teoria do discurso, ao pós-marxismo. Argumentarei que, contrariamente a isto, o realismo crítico informa um pós-marxismo emancipatório que resiste à inversão pós-moderna. A questão principal a ser considerada aqui representa o nó-górdio do Marxismo, a saber, em que medida é possível discordar filosoficamente, mas concordar politicamente.

---

•Tradução de Cynthia Hamlin (UFPE), revisão de Silke Weber (UFPE).

† As idéias contidas neste paper foram desenvolvidas a partir da transcrição original do debate entre Roy Bhaskar e Ernesto Laclau, ocorrido na Universidade de Essex (Reino Unido), em 18 de março de 1998. Sou grato a Dave Castle pelo uso de sua transcrição. Também utilizei a transcrição publicada em Alethia, 1 (2), 1998: 9-14.

## Abstract

In a recent meeting at the University of Essex, Roy Bhaskar and Ernesto Laclau discussed and debated their respective approaches: Critical Realism and Discourse Theory. This contribution will address and elaborate on some of the crucial points (both convergent and divergent) to emerge out of this meeting. I will attempt to do so by examining the key ideas of Critical Realism and Discourse Theory. In particular, I will draw on Bhaskar's distinction between the intransitive and transitive dimension and Laclau's distinction between essence and being. Out of this debate, I will question what it means for both theorists to be a "realist" and consider what form of materialist discourse each adhere to. In the second part of the paper I will question the implicit assumption that Critical Realism can be readily assimilated into Marxism, and Discourse Theory into Post-Marxism. I will argue that, contrary to this, Critical Realism informs an emancipatory Post-Marxism, which resists the postmodern reversal. The overriding question under consideration in this contribution represents Marxism's Gordian knot, that is, whether it is possible to disagree philosophically but agree politically.

## Introdução

*Os Filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras: Trata-se de mudá-lo (Marx, 1975: 423).*

Roy Bhaskar e Ernesto Laclau encontraram-se recentemente na Universidade de Essex a fim de debater suas abordagens respectivas, o realismo crítico e a teoria do discurso. Um outro encontro está sendo planejado para um futuro próximo a fim de tratar das conseqüências políticas das duas abordagens. Eu considero isto como um indicador de suas relações no desenvolvimento contínuo da teoria marxista contemporânea.

Abordarei o debate através da divisão, em cinco seções, dos argumentos lá desenvolvidos. Na primeira seção, considerarei o exame conceitual detalhado efetuado por Bhaskar e Laclau. Na segunda seção, farei um esboço do realismo crítico de Bhaskar (apesar de não desconsiderar que existem diversas outras vozes influentes nesta abordagem geral); na terceira, abordarei aquilo que considero como a maior contribuição da obra de Ernesto Laclau (inclusive a enorme contribuição de seu trabalho conjunto com Chantal Mouffe); na quarta, desenvolverei os principais pontos de disputa filosófica entre os dois, ou seja, a distinção de Laclau entre existência e ser, e a distinção de Bhaskar entre as dimensões transitiva e intransitiva. Finalmente, abordarei suas diferenças políticas subseqüentes. Minha conclusão concentrar-se-á na relação entre marxismo e realismo crítico, e sugerirei que, de fato, o realismo crítico representa um melhor

parceiro para uma forma específica de pós-marxismo, do que o marxismo ortodoxo. Esta proposição será defendida através da destruição do mito corrente segundo o qual o pós-marxismo aponta para o fim do marxismo ou, mais apropriadamente, dos marxismos. A partir disto, será colocada a questão: o realismo crítico pode fazer uma ponte sobre a divisão marxismo/pós-marxismo e, em caso afirmativo, quais as implicações políticas para a esquerda, especialmente naquilo que diz respeito a classe?

## Revolução (Revoluções)

Marx foi profundamente influenciado pelos eventos ocorridos em torno da Revolução Francesa, e buscou inspiração em interpretações subsequentes que viram nestes eventos uma transferência do poder da aristocracia para a burguesia, um movimento de classe. Embora esta tese continue bastante controversa entre os historiadores, a Revolução Francesa teve um impacto enorme em Marx, especialmente em termos do desenvolvimento da noção de "revolução permanente". Se a referência central para aquilo que podemos chamar "marxismo ortodoxo" é a "Revolução de Outubro", o foco de Bhaskar e Laclau está fortemente centrado em uma "revolução copernicana". Talvez seja hora de repensar esta noção de revolução e reorientá-la a partir de uma perspectiva política. Hoje a questão crucial que Bhaskar e Laclau precisam considerar refere-se a que tipo de projeto político concreto seus trabalhos endossam. A dimensão política deve emergir como parte deste exame conceitual detalhado, sem nunca exaurí-lo e, ao mesmo tempo, deve-se estar atento à contingência e à variabilidade da luta na medida em que "classes referem-se àquilo que é formado na luta, não a algo que preexiste à luta" (Smith, 1993: 103). É hora de esclarecimentos, de forma a evitar o mero sonho da revolução, "uma excursão rápida a Ambrosia" (Waterhouse, 1959: 15). Certamente, se Billy Liar tivesse sido escrito nos anos oitenta, ele não teria tido a chance de "sonhar com a revolução":", já que teria entrado em um

---

2 Jeffrey Issac (1990: 21) desenvolve um argumento semelhante ao afirmar que os realistas críticos são na verdade "pós-modernos que não saíram do armário" (*c/ose post-modernists*).

3 Billy Liar: personagem entediado da classe operária, residente em uma cidade industrial do norte da Inglaterra. De forma a evitar a feia realidade de sua existência, Billy inventa seu próprio mundo fictício. Neste mundo, ele pouco se importa com as pessoas ao seu redor, o que tem conseqüências desastrosas. Na cena em questão, Billy está deitado na cama, sonhando ser um líder carismático e envolvido pelas massas de sua república imaginária, Ambrosia. [N.A.]

projeto YTS<sup>4</sup> há muito tempo, juntamente com outros desempregados confinados em suas camas.

O que acadêmicos de esquerda estavam fazendo quando o thatcherismo, tendo alcançado seu momento mais destrutivo em meados dos anos oitenta, começou a se esgarçar no final daquela mesma década? Dois dos mais renomados nomes da esquerda, Roy Bhaskar e Ernesto Laclau, estavam, cada um ao seu modo, desenvolvendo "revoluções copernicanas" em suas áreas respectivas. Revoluções copernicanas continuam a ser esposadas por qualquer um que seja alguém em sua área de atuação, mas é, no entanto, a própria noção de revolução proposta por Copérnico que coloca em questão a centralidade normalmente acordada à Revolução Francesa e/ou à Revolução de Outubro."

A "revolução copernicana" de Bhaskar está firmemente ancorada no trabalho anti-dedutivista de Rom Harré e em seu ataque à noção de causalidade de David Hume. Com base nesta abordagem, Bhaskar (1993: 229) "colocou o mundo de volta em seus pés, criticou a falácia epistêmica e situou a epistemologia em relação com a ontologia". Isto implicou uma mudança na própria ontologia, estendendo-a de eventos e fatos empíricos aos mecanismos geradores subjacentes que os originam. Isto, por sua vez, e a partir de seu argumento retrodutivo, levou a uma inversão na ênfase epistemológica "dentro da filosofia", em favor de uma ontologia baseada na proposição realista-transcendental acerca da existência independente, e da eficácia transfactual, das estruturas e coisas (causalmente) eficazes. Isto porque "o fato de que só podemos conhecer através do conhecimento, não implica em que só podemos conhecer o conhecimento" (Bhaskar: 1989: 188). Assim, Bhaskar descreve sua filosofia como copernicana na medida em que "reclamar a realidade" ("*reclaiming reality*") significa desantropomorfizá-la, de forma que toda concepção de realidade é contingente, parcial e localmente humanizada. No entanto, esta realidade não é de forma alguma exaurida por, ou redutível a, nossas concepções acerca dela, o que nos coloca em uma posição

---

4 YTS: *Youth Training Scheme* ou Projeto de Treinamento da Juventude, introduzido no governo conservador (no governo de M. Thatcher) e compulsório para todos aqueles que não conseguiam emprego logo após deixarem a escola. Caso alguém se recusasse a participar, os benefícios gerados pelo Estado parariam. É geralmente aceito que o projeto era um método politicamente motivado para que as taxas de desemprego aparecessem como mais baixas do que eram na realidade. [N. A.]

5 "Uma mudança na filosofia, chamada por alguns de revolução copernicana e que culminou em uma nova filosofia realista da ciência" (Bhaskar, 1998: 3).

6 Em relação a Marx e a Revolução Francesa, veja Balibar (1995), especialmente p. 8.

limitada e precária no mundo. O alvo de Bhaskar é a falácia antropocêntrica, que se baseia na confusão que se origina na troca entre as falácias ôntica e epistêmica. A falácia antropocêntrica consiste na análise do ser em termos do ser humano, uma posição reducionista derivada da falácia ôntica que, por sua vez, envolve a redução do conhecimento ao ser, e que normalmente opera a partir de uma refutação equivocada da falácia epistêmica, ou a redução do ser ao conhecimento que se tem do ser.

A "revolução copernicana" de Laclau envolve o desenvolvimento do conceito de hegemonia, para além do escopo que Gramsci estabeleceu, a fim de incluir a proliferação de novos antagonismos que emergem no capitalismo avançado. Ela se baseia na possibilidade de ausência de um centro e na sugestão mais radical ainda de que o ser humano, mesmo como sujeito do conhecimento, não é o ponto de referência central daquilo que ele conhece (c.f. Laplanche, 1999). Assim, "o centro mesmo do ser humano não pode mais ser encontrado no lugar assinalado por toda uma tradição humanista" (Lacan, 1997: 114)<sup>7</sup>. Laclau e Mouffe (1981: 22) esclarecem sua posição melhor do que eu poderia fazê-lo ao escreverem:

*Nós chegamos agora no coração da revolução copernicana a qual mencionamos anteriormente. Ela consiste em levar a termo a cisão com o economicismo iniciada por Lênin e desenvolvida por Gramsci e Togliatti, e em romper decisivamente com o essencialismo metafísico das "garantias da história" e com as formas de uma cientificidade que se declara a si mesma como a "verdade absoluta" de um processo histórico, declarando-se apta a prever seu curso necessário. Temos, ao contrário, que conceber a história como um campo complexo, cruzado por uma infinidade de lutas políticas, no qual uma multiplicidade de agentes deve ser reconhecida e aceita, se é que queremos um dia alcançar uma sociedade realmente liberada e auto-gestada.*

Os feitos de Copérnico foram considerados revolucionários porque, embora seu trabalho estivesse associado com métodos e pressupostos que já eram familiares há séculos, suas implicações mais amplas para as relações entre a humanidade e o universo em geral seriam enormes. O ponto é que seu sistema mostra algo (para Copérnico, isto era uma harmonia) que seus rivais não tinham. A questão de se o realismo crítico ou a teoria do discurso alcançam algo semelhante é alvo de disputas. Tanto Bhaskar quanto Laclau concordam no que

---

<sup>7</sup> Isto é uma referência específica à suposta Revolução Copernicana de Freud. Lacan continua afirmando que "foi de fato à chamada Revolução Copernicana que Freud comparou sua descoberta, enfatizando que tratava-se, uma vez mais, do lugar que o homem atribui para si no centro do universo" (Lacan, 1997: 165).

diz respeito à recusa de se naturalizar o conhecimento (a falácia ôntica), no entanto, para Bhaskar isto não é suficiente na medida em que, ao se recusar esta naturalização, deve-se evitar reduzir a ontologia à epistemologia (a falácia epistêmica), que meramente introduz uma forma diferente de antropocentrismo. O ponto central de discordância não está, então, no terreno epistemológico, mas diz respeito a questões relativas à ontologia. Laclau quer encapsular o ser dentro do conhecimento, enquanto que Bhaskar quer circundar o conhecimento dentro do ser (não apenas o ser humano) e assim relativizar a epistemologia sem que haja relativismo ontológico: "Tudo está contido (constelacionalmente) na ontologia (inclusive a epistemologia e a ética)" (Bhaskar 1997: 142). Laclau, por outro lado, quer relativizar tanto a ontologia quanto a epistemologia, de forma que não há nada mais a ser descoberto, apenas configurações discursivas distintas estão emergindo constantemente. Isto deve-se ao fato de que, para Laclau, a ontologia diz respeito a seres humanos, enquanto que, para Bhaskar, ela implica o, e até dá prioridade ao, não-ser. Assim, existe, obviamente, um problema de comensurabilidade entre os pontos de partida destas duas abordagens, antes que se possa chegar às conseqüências mais amplas da obra destes dois autores.

### **Roy Bhaskar: realismo crítico**

O trabalho de Bhaskar é normalmente considerado como co-existente com a tradição marxista. Seu trabalho foi resumido de maneira bastante hábil por Outhwaite (1987: 34), há alguns anos, como sendo "ontologicamente ousado e epistemologicamente cauteloso". Não existe, entretanto, referência a Marx no primeiro livro de Bhaskar, *A Realist Theory of Science* (Bhaskar, 1975). Marx emerge em *The Possibility of Naturalism* (Bhaskar, 1979). No entanto, é largamente reconhecido (Callinicos, 1994: 8) que Althusser teve uma influência decisiva em seu primeiro trabalho, *A Realist Theory of Science*. O próprio Bhaskar reconhece que "Louis Althusser fez uma contribuição de importância decisiva. O legado althusseriano demanda nada menos do que a mais profunda reapropriação crítica" (Bhaskar, 1991: 183). Bhaskar identifica a contribuição althusseriana singular mais importante em termos da tentativa de, a partir do conceito de sobredeterminação, capturar a determinação múltipla de eventos e fenômenos em sistemas abertos (Bhaskar, 1989: 187-8).

O nome de Bhaskar é sinônimo de realismo crítico, ainda que, à medida em que o projeto do realismo crítico foi se desenvolvendo (especialmente através de suas conferências anuais), algumas divergências foram emergindo entre seus protagonistas chave. No entanto, este não é o local, nem disponho do espaço

necessário para desnudar as disputas internas ao realismo crítico". Neste paper, concentrar-me-ei em Bhaskar, o filósofo crítico-realista "mais original e influente" (Collier, 1995: ix). A obra de Bhaskar desenvolveu-se através de uma série de estágios até o ponto que pode agora ser definida como realismo crítico dialético?. O realismo crítico envolve quatro temas: realismo transcendental; naturalismo crítico; crítica explanatória e o momento dialético. Em cada um destes quatro temas, nós podemos indicar um número de momentos principais.

Realismo transcendental envolve a idéia de que qualquer teoria do conhecimento pressupõe aquilo que o mundo deve ser para que o conhecimento seja possível. Este é o aspecto transcendental que Bhaskar conjuga com a assertiva de que isto sempre implica alguma proposição acerca do ser, e não apenas acerca do conhecimento sobre o ser, porque os objetos sob investigação existem independentemente da atividade e pensamento humanos. Isto leva à assertiva da existência independente, e da eficácia transfactual, das estruturas e coisas (causalmente) eficazes. Há aqui o emprego de argumentos retrodutivos [ou abdutivos. N.T.], que envolvem um movimento, na investigação, dos domínios do empírico e do actual para o domínio das estruturas profundas que geram os eventos. As consequências ontológicas disto são que a monovalência é rejeitada em favor de uma ontologia emergente e estratificada. Isto tem desdobramentos importantes, que eu considerarei ao tratar do realismo crítico dialético.

O naturalismo crítico nasceu dos argumentos realistas transcendentais invocados anteriormente, e envolve a rejeição tanto das tendências individualistas/voluntaristas em teoria social, quanto das coletivistas/reificacionistas. O naturalismo crítico procura superar as disputas dicotômicas entre hiper-naturalistas (positivismo) e anti-naturalistas (hermenêutica). Bhaskar coloca a questão transcendental: "Que propriedades as sociedades possuem que podem tomá-las objetos de conhecimento possíveis?" (Bhaskar, 1979: 31). O modelo transformacional de atividade social gera uma teoria relacional que tem uma grande afinidade com o modelo dialético mas que difere dele no aspecto crucial acerca da irreducibilidade das estruturas aos agentes que as transformam.

---

8 Para uma excelente incursão na variedade de realismos, seus contextos históricos e desenvolvimentos, veja Archer et. al., 1998.

9 "O sistema de realismo crítico dialético constitui uma segunda onda de realismo crítico, estruturado a partir da crítica da monovalência ontológica e centrado na primazia ontológica da categoria de ausência" (Bhaskar, 1993). Veja especialmente capítulo 3.

*A sociedade provê os meios, instrumentos, regras e recursos para tudo o que fazemos... Sociedade é então o conjunto de práticas localizadas e interrelações que os indivíduos nunca criam, mas sempre pressupõem em sua atividade prática e, ao fazê-lo, sempre reproduzem ou transformam-na* (Bhaskar, 1989: 4).

Aqui, os argumentos de Bhaskar ressoam com o conceito althusseriano de causalidade estrutural segundo o qual as estruturas sociais são irreduzíveis aos seus efeitos, mas presentes apenas neles (Callinicos, 1994: 8). O movimento chave que se torna aparente é o de que as pessoas não criam a sociedade, mas dado que a sociedade é preexistente, elas a recriam. As estruturas sociais existem em virtude das atividades humanas, no entanto, não são redutíveis a elas. Estas estruturas são relativamente duráveis e não meras propriedades das atividades humanas. Elas atingem algum tipo de *status* existencial e, como resultado deste *status* processual pré-existente, as estruturas tanto tornam possível, quanto constroem a agência humana. O naturalismo crítico de Bhaskar esteve sujeito a críticas as mais variadas e apresenta uma relação de parentesco com a teoria da estruturação de Giddens!" Estas idéias levam à concepção do cubo social no qual, de acordo com Bhaskar (1998:570), "a vida social como uma totalidade é constituída por quatro planos dialeticamente interdependentes: transações materiais com a natureza, ação inter-pessoal, relações sociais e intra-subjetividade". O cubo social deve ser concebido em termos de profundidade e estratificação, e os elementos de cada plano estão "sujeitos a determinações e mediações múltiplas e conflituosas em uma concepção totalizante que dialeticiza idéias realistas existentes tais quais o modelo transformacional de agência humana e o sistema de posições e práticas" (Ibid.).

A crítica explanatória constitui o terceiro aspecto do modelo bhaskariano. Ela emerge e deriva das assertivas anteriores e reclama uma versão modificada de um naturalismo ético substantivo, baseado na noção de que os objetos das ciências sociais, contrariamente aos das ciências naturais, incluem crenças acerca de si próprios as quais engendram julgamentos de valor e ação. O momento normativo está implícito e, assim, o hiato entre fatos e valores sustentado por Hume é superado. Todo julgamento de valor racional deve ter uma base actual, do contrário, deve ser percebido como radicalmente incompleto (c.f. Archer et al., 1998: 385- 502).

O movimento dialético de Bhaskar veio depois, culminando na publicação de *Dialectic: The Pulse of Freedom* (Bhaskar, 1993)<sup>11</sup>. Aqui, Bhaskar afirma:

---

<sup>10</sup> Para uma refutação das afinidades entre Bhaskar e Giddens, veja Archer, 1995.

<sup>11</sup> Este é um texto desnecessariamente difícil e extremamente denso, e eu achei a resenha de Andrew Collier (1995) cheia de *insights* e muito útil.

"quero mostrar que é possível pensar e agir dialeticamente sem que se seja, necessariamente, hegeliano" (Ibid.: 3). Ele supera Hegel ao englobar quatro momentos em sua dialética que, tipicamente, serão "defracionados e retotalizados" (Ibid.: 37): não-identidade, negatividade, totalidade e agência transformativa. Central à dialética é o conceito de ausência, que deriva da crítica bhaskariana à monovalência que engloba a redução do real ao actual. Isto coloca a ausência no cerne da positividade e, assim, o não-ser é a condição da possibilidade do ser, e a dialética é o processo de ausentar a ausência. "De maneira importante, se a ausência (negatividade) é um pólo do positivo, então o positivo não pode ser positivado de forma bem sucedida [...] A dialética torna-se o 'grande afrouxador' ('*great loosener*'), permitindo uma 'textura aberta' do ponto de vista empírico, [...] a fluidez estrutural e a inter-conectividade" (Bhaskar, 1998: 564). O realismo crítico dialético envolve determinados comprometimentos ontológicos, com preocupações epistemológicas específicas e, de acordo com Joseph (1998: 102), funciona como um "trabalhador dos subterrâneos filosóficos (*philosophical underlabourer*), cuja tarefa é esclarecer os aspectos conceituais do trabalho marxista!".

### **Ernesto Laclau: teoria do discurso**

A teoria do discurso esposada por Ernesto Laclau e, subsequentemente o pós-marxismo, é uma resposta bastante diferente e um tanto distante do realismo crítico do ponto de vista filosófico. Toda comparação direta é difícil porque estas duas abordagens tendem a operar em, e emergiram de, áreas de pesquisa bastante diferentes - a filosofia política e a filosofia da ciência, respectivamente. No entanto, Laclau também foi profundamente influenciado, pode-se mesmo dizer embasado, pelo marxismo althusseriano, de uma maneira similar a Bhaskar. Enquanto Bhaskar argumentou que Althusser de fato neutralizou a dimensão intransitiva, Laclau reagiu contra a aparente rigidez do marxismo estrutural e incorporou a estratégia pós-estruturalista de descentramento, exemplificada por Derrida (1978: 280) como

*o momento no qual a linguagem invadiu a problemática universal, o momento quando, na ausência de um centro ou origem, tudo torna-se discurso – desde que possamos concordar quanto a este termo – isto é, um sistema no qual o significado (signified) central, o significado original ou transcendental, nunca é absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de um significado transcendental estende o domínio e o jogo de significação indefinidamente.*

---

<sup>12</sup>Sobre este tema, veja também Joseph, 1999: 85-94.

Laclau aplica uma lógica desconstrutiva, normalmente associada a Jacques Derrida, à dimensão política (embora não exclusivamente a ela). Mais precisamente, Laclau e Chantal Mouffe procuram desconstruir as categorias do pensamento marxista através do privilégio do momento político em detrimento do determinismo estrutural, de forma a reconstruir o marxismo como um movimento que responda aos problemas centrais da política contemporânea. O que eles estão fazendo é continuar a tarefa iniciada por Gramsci em seu uso do conceito de hegemonia, que abriu às categorias do marxismo a possibilidade de contingência e rearticulação, mas que ele nunca levou a cabo. No entanto, embora um traçado direto do conceito de hegemonia, e a influência decisiva de Gramsci sobre Laclau e Mouffe, sejam corretos, Althusser também teve um papel fundamental. Obviamente não estou sugerindo que não existe uma relação entre Althusser e Gramsci. Laclau, no entanto, aponta para aquilo que ele considera um "essencialismo pertinaz" em Gramsci, e que também é aparente na "hora solitária da última instância" de Althusser, algo que ele rejeita veementemente. Mas Laclau vê em Gramsci algo indiscernível em Althusser, uma saída para as limitações impostas pelo marxismo estrutural. Esta é a distinção crucial entre marxismo e pós-marxismo, e delimita o terreno de uma possível articulação entre uma variedade de marxismos. Antes de explorar esta relação, no entanto, efetuarei algumas considerações introdutórias relativas à teoria do discurso, de acordo com as considerações feitas por Laclau durante o debate.

Para Laclau, a noção de discurso, tal como desenvolvida em muito do pensamento contemporâneo, tem suas raízes mais profundas na virada transcendental da filosofia moderna, com uma ênfase não essencialmente em fatos, mas nas suas condições de possibilidade (Laclau, 1993: 431). Entretanto, a crítica continuada da linguagem, efetuada por uma variedade de abordagens, levou o movimento para longe desta abordagem transcendental clássica, de forma que, hoje, discurso significa algo radicalmente diferente. Isto porque "as teorias do discurso contemporâneas são eminentemente históricas e buscam estudar campos discursivos que experimentam variações temporais, apesar de seu papel transcendental", e acatam totalmente as mudanças ocorridas em relação à noção de estrutura (Ibid.). De acordo com Laclau, existem quatro elementos cruciais à teoria do discurso. Primeiramente, existe uma gramática básica na qual objetos possíveis são constituídos e isto media qualquer contato com a realidade. Este elemento baseia-se na "consciência crescente de que o 'discurso' não se refere a um conjunto particular de objetos, mas a uma perspectiva da qual é possível descrever a totalidade da vida social" (Ibid.: 433). Em segundo lugar, o discurso não é meramente fala e escrita, não sendo, portanto, redutível ao lingüístico, mas é sempre uma combinação de palavras e ações. De acordo com Wittgenstein, a noção de jogo de linguagem de Laclau engloba o lingüístico e o não lingüístico, e ocorre dentro de uma totalidade significativa que não pode, portanto, ser lingüística

ou extra-lingüística, devendo preceder esta distinção. A dimensão performativa é intrínseca a qualquer operação lingüística. Ação é, portanto, inerente a qualquer operação lingüística, é algo completamente constitutivo do discurso. Finalmente, a principal abordagem à qual a teoria do discurso opõe-se é o idealismo. Argumentando a partir de **duas** frentes, a teoria do discurso sustenta a não redutibilidade do real ao pensamento, e questiona a noção de um sujeito unificado ou a unidade da mente. Laclau argumenta em favor disto ao insistir na distinção entre o ser de um objeto, que é histórico e mutante, e sua entidade, que não o é.

## Filosofia: ser e existência

*A maioria das pessoas concordaria que o transcendentalismo, em sua formulação clássica, é absolutamente insustentável, mas também existe uma concordância generalizada de que algum tipo de transcendentalismo fraco é inevitável. (Laclau, 1997: 17).*

Para Laclau, a questão é que o ser das coisas não pode ser fixado de uma vez por todas. Fazê-lo seria cometer um de dois equívocos comuns, a essencialização do objeto e a redução do sujeito a um recipiente passivo de um sentido já constituído, ou a essencialização do sujeito e, portanto, a redução do objeto a um objeto do pensamento. Para Laclau, o discursivo é co-extensivo ao ser de todo objeto, e é este horizonte que constitui o ser de cada objeto e, portanto, as condições de possibilidade de o ser do discurso ser desprovido de sentido:

*Se o processo de nomear objetos é nada mais do que o próprio ato de sua constituição, então suas características descritivas serão fundamentalmente instáveis e abertas a todo tipo de re-articulações hegemônicas. O caráter essencialmente performativo do nomear é a pré-condição de toda hegemonia e política (Laclau, 1989: xiv).*

Isto, como vimos, não leva ao idealismo porque a irredutibilidade do mundo a nossas concepções do mesmo ainda é mantida, mesmo que ela se torne uma impossibilidade. No entanto, ainda que isto seja verdadeiro, a noção de real com a qual acabamos não é muito melhor do que em uma redução idealista. O construtivismo em questão pode não ser idealista, mas, no final das contas, só nos resta um realismo recalcitrante, também chamado realismo vazio (Jessop, 1990, especialmente cap. 10). Para Laclau, aquele algo que garante a identidade de um objeto em todas as situações contrafactuais é meramente o processo retroativo de auto-nomeação. O excesso no objeto, que permanece o mesmo em todos os mundos possíveis, não tem uma consistência positiva porque consiste apenas na

positivação de um vazio, no preenchimento de um espaço". É a impossibilidade de se preencher este espaço indefinidamente que torna possível a construção política deste espaço.

*O debate tradicional acerca da relação entre agência e estrutura aparece, então, como fundamentalmente equivocado: a questão não é mais um problema de autonomia, de determinismo versus liberdade, segundo o qual duas entidades completamente constituídas como objetividades limitam-se mutuamente. Ao contrário, o sujeito emerge como resultado do fracasso da substância no processo de sua auto-constituição (Laclau, 1989: xv).*

Laclau não está argumentando que um mundo externo não existe independentemente de nossas concepções do mesmo, mas parece estar dizendo que, para que tenha algum significado, este mundo deve ser constitutivo de uma configuração discursiva. O resultado disto pode ser resumido como se segue: o objeto não tem um ser em e de si próprio, apenas o alcança em um campo discursivo. Assim, não faz sentido falar de um objeto *a priori* do discurso porque é apenas através do discurso que um objeto adquire significado (Laclau, 1990a: 109-112). O objeto e o discurso são, portanto, co-extensivos um ao outro, e o momento no qual o objeto tem qualquer sentido reside na discursividade, de forma que o que achamos que é externo é, de fato, interno. O "limite" entre o externo e o interno não é nunca fixo por todo o tempo e é inerente ao objeto e à configuração discursiva. O momento no qual o sentido é formado não é posterior à completude do objeto (descritivismo/anti-descritivismo), ele de fato constitui o objeto e é anterior à disputa descritivista/anti-descritivista. Dado que o limite de objetividade não é fixo, e que o limite é precisamente o ponto no qual a fixidez se quebra, o mesmo é negociável. Isto é o que Laclau quer dizer quando afirma que a política é um momento instituidor, e não algo que emerge da sociedade em um momento secundário. Esta é a intervenção crucial de Laclau e exemplifica o Projeto Democrático Radical. Este projeto desafia a afirmação dos marxistas ortodoxos acerca de uma esfera econômica com sua própria interioridade, mas que é passível de determinar, de fora desta interioridade, outras dimensões, externas umas às outras. É precisamente este paradoxo que Laclau tenta resolver em prol do socialismo.

O problema que se pode identificar aqui em termos de um realismo mais cheio de nuances, é que Laclau parece eliminar qualquer perspectiva causal. Isto deve-se ao fato de ele considerar causalidade em termos humeanos, isto é, como uma conjunção constante entre eventos, e não em termos de "estruturas,

---

13 Para uma crítica da concepção de espaço de Laclau, veja Massey, 1993: 65-84.

mecanismos geradores e entidades afins (que formam a base real das leis causais), que normalmente se encontram fora de sincronia com os eventos" (Bhaskar, 1989: 16). Laclau parece sugerir que, para que a causação ocorra, devem existir entidades completamente formadas. No entanto, ainda que concordemos com Laclau no que se refere à distinção entre o ser e a entidade de um objeto, a mesma parece deixar em aberto a possibilidade de que aquilo que está ausente, ou deixado de lado, pode, de alguma forma, limitar ou restringir a constituição discursiva de um objeto. Isto indicaria que Laclau está argumentando que o objeto não é anterior ao discurso, mas que, para que possa ter algum significado, o mesmo já é discursivamente constituído e, portanto, que não pode haver significado fora de nossas ações discursivas. Isto seria problemático para Bhaskar, que argumentou constantemente contra a redução do ser ao ser humano, e em favor da idéia de que os processos causais ocorrem independentemente do conhecimento humano acerca destes processos. Para Bhaskar, mesmo na mudança, algumas coisas permanecem as mesmas. Isto pode ser expresso em termos da vida social ser, ao mesmo tempo, simbólica e causal, enquanto que, para Laclau, a vida social é apenas simbólica.

Em *Hegemonia e Estratégia Socialista*, assim como em sua querela subsequente com Geras (Geras, 1987; Laclau e Mouffe, 1987, Mouzelis, 1988; Geras, 1988), Laclau (juntamente com Chantal Mouffe) iniciou o movimento do marxismo em direção ao pós-marxismo, considerando, é claro, que este movimento não era uma rejeição, mas um questionamento mais radical do primeiro. Laclau argumenta que as categorias do marxismo "não são nem removidas, nem reabsorvidas por uma racionalidade superior, mas mostram sua contingência e historicidade" (Laclau, 1990: 96). De forma a substanciar este movimento em configurações discursivas, ele operou a distinção crucial entre o ser de um objeto e sua existência. Esta disputa é crucial para que Laclau mantenha sua posição anti-essencialista, derivando de Heidegger, a premissa de que "o ser não pode ser explicado através de entidades" (Heidegger, 1967: 251). Laclau endossa este motivo heideggeriano, embora ele não possa dizer, a menos que seja um idealista (o que ele aparentemente não é), que os objetos continuam os mesmos para todo o sempre em suas qualidades existenciais (ausência pura). Mas ao invés de levar em conta este exterior, ele fala somente daquilo que pode ser conhecido internamente. Se, no entanto, os objetos são sempre discursivamente articulados, e se este discurso não pode exaurir todo o sentido de um objeto dado que o objeto não é nunca completamente realizado, assim como nenhum discurso é completamente fechado, então esta possibilidade de significado excessivo (a sobra) dos objetos, o traço, a ausência, sempre tem o potencial de se impor a este discurso. Colocando isto em termos derridarianos, o ponto que marca qualquer limite é uma abertura para algo que é irredutível àquilo que este ponto marca. Neste sentido, como podemos ter

certeza de que aquilo que existe, se não anteriormente, então exteriormente ao discurso, é exaurido no discursivo? A única maneira de se ter certeza seria reduzir o externo, assim como qualquer traço existencial, ao puramente interno ou discursivo. E isto é, precisamente, o que Laclau faz. Esta forma de construtivismo parece desembocar em uma forma de irrealismo baseado na redução do real às qualidades físicas que as entidades possuem, ignorando a potencialidade e reduzindo o real ao material, ou, como já o colocamos, em um "realismo vazio" - um lá fora real no sentido kantiano, sem nenhuma relação com o que está dentro. Slavoj Žižek recentemente apontou para o kantismo implícito de Laclau, ao afirmar que, para Laclau, "a própria impossibilidade é representada em um elemento positivo, a impossibilidade inerente é transformada em um obstáculo externo" (Žižek, 2000: 90). Espero assim ter demonstrado porque Laclau prematuramente descartou a idéia de que, quando um discurso vai de encontro aos seus limites, é possível que exista mais do que apenas um outro discurso afetando o primeiro. Isto deve-se à noção limitada de objeto que ele adota. A produção do conhecimento constrói objetos mas, ao fazê-lo, ela de forma alguma reduz os objetos a esta construção. A produção de conhecimento é, ao mesmo tempo, reconstruída em seu encontro com o objeto. Este encontro processual nunca ocorre fora dos objetos, mas é um momento constitutivo na formação contínua destes objetos; assim, pode-se afirmar que os objetos nunca são dados em um sentido imediato, mas sempre em um processo de reconstrução contínua que não é nunca exaurida no encontro. Entretanto, isto também coloca sérios problemas para Bhaskar, especialmente no que diz respeito à manutenção da distinção que ele desenvolveu entre as dimensões transitiva e intransitiva. É precisamente com relação a este tema que Bhaskar fez uma contribuição importante, que eu examinarei a seguir.

### **Filosofia: dimensões transitiva/intransitiva**

*A dimensão intransitiva é inicialmente o domínio dos objetos de conhecimento científico: mas o conceito pode ser estendido de forma a considerar qualquer coisa existencialmente intransitiva, seja ela conhecida, passível de ser conhecida, ou não. A transfactualidade das leis e a socialização na ciência implica a distinção entre as dimensões intransitivas ou ontológicas. e as dimensões transitivas ou epistemológicas da ciência. Estas últimas devem ser logicamente estendidas de forma a incluir toda a infra-estrutura material e cultural da sociedade (Bhaskar, 1993: 399-400).*

Bhaskar detecta um kantismo residual na obra de Laclau ao afirmar: "você se livrou do sujeito unificado, mas ainda quer o objeto unificado, ainda quer esta pedra não-existente lá fora. Por que não podemos desagregar a noção de objeto?"

(Bhaskar, 1998: 17).

A conceituação que Bhaskar faz do objeto marca uma ruptura crucial com a perspectiva kantiana, contendo em si vazios e ausências inatas, algo como ausência na presença. A noção da dimensão intransitiva possibilita-nos afirmar que as pessoas constroem seu mundo socialmente, mas esta construção é sempre construção de algo. Qual o *status* deste algo? O dilema parece ser que a dimensão intransitiva excede, por definição, aquilo que conhecemos acerca dela (que é transitivo), embora, para que possamos dizer algo acerca da dimensão intransitiva, a distinção transitiva/intransitiva deve ser ao menos parcialmente passível de quebra e, portanto, aberta à reconfiguração. Talvez possa-se afirmar então que a dimensão intransitiva, aquilo que permanece o mesmo, é apenas relativamente duradoura e sempre parcialmente transitiva. Esta abertura multi-dimensional, pode-se argumentar, é então aberta à negociação e, de alguma forma, passível de mudança. Bhaskar não é um fundacionista que faz afirmações infalibilistas sobre o mundo lá fora. Ao contrário, ele argumenta que todo conhecimento é falível, sujeito a contestação e transformação. Mas a questão crucial refere-se a se as limitações a nossas proposições transitivas encontram-se em um outro discurso (como em Laclau), ou no reino do extra-discursivo, que é, ele próprio, apenas relativamente durável. É neste ponto que a lógica do tanto/quanto (*bothland*) aparece, em lugar da lógica ou/ou (*eitherlor*). Mas dado que todas as nossas proposições são transitivamente situadas, e que a dimensão transitiva é constelacionalmente situada na dimensão intransitiva, então isto parece ao menos abrir a possibilidade de que as estruturas profundas identificadas por trás dos fenômenos manifestos sejam passíveis de ser reconstruídas no encontro, não sendo, portanto, tão intransitivas quanto pensado anteriormente. O que resta da dimensão intransitiva se a ênfase é colocada na "apreensão transitiva das entidades e processos considerados intransitivos (que) são localizados em economias lingüísticas e culturais (...)”? Isto focaria a dimensão da ação política como meio de transformação social, mas não reduziria tudo ao político. Aquilo que está fora (intransitividade) nunca está completamente lá fora e, ao mesmo tempo, aquilo que está aqui (transitivo) nunca está puramente aqui. Assim, estas dimensões estão constelacionalmente contidas uma na outra (embora de forma irreduzível) e, portanto, abertas à transformação em sua relação uma com a outra. Mas esta relação entre as duas dimensões toma-se menos permanente do que anteriormente pensado e aberta a disputas. Como Marx defendia, a verdade da filosofia encontra-se na dimensão política.

## Política: o que aconteceu com "Classe"?

*Tudo o que diz respeito a política pode ser fatal à filosofia, dado que a filosofia vive na política (Althusser, 1990: 173).*

Tanto Bhaskar quanto Laclau tentaram desenvolver seus projetos de dentro e de fora da tradição marxista. Ambos tentaram destruir o "essencialismo" em sua forma mais crua. No entanto, nenhum dos dois jamais afirmou haver transcendido ou rejeitado o marxismo em sua totalidade. De maneiras diferentes, ambos tentaram reformular o marxismo, e continuar apoiando-se nele.

O pós-marxismo anunciou uma revolução copernicana no marxismo segundo a qual a classe foi radicalmente descentrada e, conseqüentemente, não mais ocupa uma posição central como motor da história e da mudança social. No entanto, ao invés de um mero deslocamento, a classe parece ter desaparecido de vez da agenda política. Na melhor das hipóteses, ela parece ser apresentada de maneira evasiva. Esta remoção da luta de classes como motor principal da transformação social não pode possibilitar a oportunidade de se repensar classe e estender seu papel em termos de uma "resistência coletiva à dominação capitalista"? (Kaplan, 2000: 10). Como se começa a trazer classe de volta ao cenário, a revigorar o conceito, a pensar a classe como ainda crucialmente importante no capitalismo tardio? Os trabalhos de Laclau ou de Bhaskar endossariam tal manobra?

De acordo com Bhaskar, Marx "permanece fixado na relação salário/capital, em detrimento da totalidade das relações senhor-escravo (mais obviamente, aquelas ligadas a nacionalidade, etnicidade, gênero, afiliação religiosa, orientação sexual, idade, saúde e deficiências corporais em geral)" (Bhaskar, 1993: 333). O realismo crítico buscaria, então, estender seu escopo para além do marxismo e das relações de classe, de forma a incluir outras formas de opressão que ocorrem no capitalismo mas que também o transcendem.

Laclau comentou recentemente acerca desta formulação como algo que coloca em movimento algo radicalmente incompatível com a teoria marxista de classe. Para Laclau, a noção marxista de "classe" **não** pode ser incorporada em uma corrente enumerativa de identidades pelo simples fato de que ela é supostamente o centro articulador em função do qual a identidade é constituída. O termo "classe", ao tornar-se parte de uma corrente enumerativa, perdeu seu papel articulador sem que tenha adquirido nenhum significado novo preciso. Estamos lidando com algo que beira o *status* de "significante flutuante".

Neste sentido, é precisamente porque "classe" não pode se constituir como uma presença completa que ela existe. Esta impossibilidade cancela, de uma só vez, tanto a diferença pura, quanto a equivalência. Aquilo que não permite com que classe seja tornada completamente positiva (seus limites, o além), é também

sua condição de possibilidade. Um significante vazio é um significante que se anuncia através "da lógica segundo a qual as diferenças reduzem-se a correntes de equivalência" (Laclau, 1996: 39).

De acordo com Laclau, quando um discurso de classe alcança seu limite, este limite só pode significar que existe um outro discurso competindo para preencher o espaço vazio deixado pelo primeiro, ou o deslocamento do discurso dominante hegemônico. Na medida em que Bhaskar não se preocupa diretamente com a questão de classe, parece que há algo mais do que isto em questão. Classe é constituída tanto por uma dimensão discursiva (transitiva), quanto por algo que excede esta dimensão transitiva (a dimensão intransitiva). Para Bhaskar, classe, assim como outras formas de opressão, é, ao mesmo tempo, discursiva e causal. Isto opera de maneira semelhante (ainda que mais profunda) à noção de Laclau de lógica da equivalência, que toma impossível a diferença pura. Para Bhaskar, um discurso é sempre a construção de algo, e é este algo que facilita e restringe aquele discurso e que impede seu fechamento.

Como os marxistas vêm tentando re-teorizar classe? De acordo com David Harvey (2000: 102), "um passo preparatório é o de estender consideravelmente a definição marxiana de classe (ou, mais precisamente, de relação de classe) no capitalismo, de forma a mesma venha a significar posicionalidade (*positionality*) em relação à circulação e acumulação de capital". Numa formulação semelhante, Neil Smith (2000: 1018) argumenta que "a influência intelectual crescente do marxismo e de seu foco resultante em classe, na década de 70 e nos primeiros anos da década de 80, tomou-se cada vez mais estranha a um contexto político mais amplo". É por esta razão que se deve evitar considerar classe como uma entidade determinada. Para Smith, o privilégio que Marx atribuiu a classe, em particular à classe operária, foi politicamente motivada, e não baseada em razões morais ou filosóficas. Em relação à situação contemporânea, Smith (Ibid.) afirma: "à idéia de que a importância renovada de um discurso de classe não é inconsistente com uma crescente política de raça, gênero e sexualidade (...), não parece haver alternativa. 'De volta à classe', em qualquer sentido estrito, é um beco-sem-saída".

O problema com a versão de pós-modernismo de Laclau é que ele uniformiza a luta política, de forma que nenhuma justificativa pode ser dada para um projeto em detrimento de um outro qualquer. Bhaskar e o realismo crítico, por outro lado, embora adotando um relativismo epistêmico, recusa o "relativismo de julgamento no qual o irrealismo não-fundacionista tende a cair" (Bhaskar, 1993: 403). Não parece haver razão para se optar entre novos movimentos sociais e uma política de classe. O capitalismo e as classes ainda consistem nas maiores formas de opressão e dominação, apesar de intrinsecamente ligadas a relações não-capitalistas. Estas questões estão inseparavelmente relacionadas, de forma que podemos todos concordar com Slavoj Žižek quando ele sugere que, ao nos

confrontamos com a escolha entre uma política de classe e o pós-modernismo, o gesto mais radical consiste em resistir a esta oposição como uma alternativa falsa!

## Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. (1990), *Philosophy and the spontaneous philosophy of the scientist and other essays*. Londres, Verso.
- ARCHER, Margaret. (1995), *Realist social theory: the morphogenetic approach*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ARCHER, M. et al. (eds.) (1998) *Critical Realism: Essential Readings*. Londres, Routledge.
- BALIBAR, Etienne. (1995), *The philosophy of Marx*. Londres, Verso.
- BHASKAR, Roy; LACLAU, Ernesto. (1998), The Laclau-Bhaskar debate. *Alethia*, 1 (2): 9-14.
- BHASKAR, Roy. (1979), *The possibility of naturalism* Hassocks, Harvester.
- \_\_\_\_\_. (1989), *Reclaiming reality*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1991), *Philosophy and the idea of freedom*. Oxford, Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (1993), *Dialectic: the pulse of freedom*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1997), "On the ontological status of ideas". *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 27 (2/3): 139-147.
- CALLINICOS, Alex. (1994), "Critical realism and beyond: Roy Bhaskar's Dialectic". *Working Paper*; No 7. University of York, Department of Politics.
- CASTLE, David. (1998), "Transcrição do Debate entre Roy Bhaskar e Ernesto Laclau na Universidade de Essex". Universidade de Essex, mimeo.
- CASTREE, Noel. (1995), "The nature of produced nature: materiality and knowledge construction in Marxism". *Antipode*, 27 (1):12-44.
- COLLIER, Andrew. (1990), *Socialist reasoning*. Londres, Pluto.
- \_\_\_\_\_. (1995), *Critical Realism*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1995b), "The power of negative thinking". *Radical Philosophy*, 69: 36-39.
- DERRIDA, Jacques. (1978), "Structure, sign and play in the discourse of the human sciences", in: Derrida, J. *Writing and difference*. Londres, Routledge.
- GERAS, Norman. (1987), "Post-Marxism?". *New Left Review*, 163: 40-82.
- \_\_\_\_\_. (1988), "Ex-Marxism without substance: being a real reply to Laclau and Mouffe". *New Left Review*, 169: 34-61.

- HARVEY, David. (2000), *Spaces of Hope*. Edimburgo, Edinburgh University Press.
- HEIDEGGER, Martin. (1967), *Being and time*. Oxford, Blackwell.
- ISAAC, Jeffrey. (1990), "Realism and reality: some realistic reconsiderations". *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20 (1): 1-31.
- JESSOP, Bob. (1990), *State theory: putting the capitalist state in its place*. Cambridge, Polity.
- JOSEPH, Jonathan. (1998), "In defence of critical realism". *Capital and Class*, 65: 73-106.
- \_\_\_\_\_. (1999), "Realistic Organisation". *Historical Materialism*, 3: 85-94.
- KAPLAN, Cora. (2000), "Millennium Class". *PMLA*, 115: 9-19.
- LACAN, Jacques. (1997), *Écrits: a selection*. Londres, Routledge
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. (1981), "Socialist strategy: where next?". *Marxism Today*, January: 17-22.
- \_\_\_\_\_. (1987), "Post-Marxism without apologies". *New Left Review*, 166: 79-106.
- \_\_\_\_\_. (1989), "Preface", in Žižek, Slavoj. *The sublime object of ideology*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1990a), *New Reflections on the revolution of our time*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1990b), "Psychoanalysis and Marxism", in *New reflections on the revolution of our time*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1993), "Discourse", in Goodin, R.; Pettit, P. *The Blackwell companion to contemporary political philosophy*, Oxford, Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (1996), *Emancipations*. Londres, Verso.
- \_\_\_\_\_. (1997), "Converging on an Open Quest". *Diacritics*, 27 (1): 17-19.
- LAPLANCHE, Jean. (1999), "The unfinished Copernican revolution", in *Essays on otherness*. Londres, Routledge.
- MARX, Karl. (1975), "Eleventh Theses on Feuerbach", in *The Early Writings*. Harmondsworth, Penguin.
- MASSEY, Doreen. (1993), "Politics and space/time". *New Left Review*, 196: 65-84.
- MOUZELIS, Nicos. (1988), "Marxism or Post-Marxism?". *New Left Review*, 167: 107-123.
- OUTHWAITE, William. (1987), *New philosophies of social science*. Londres, MacMillan.
- SMITH, Neil. (2000), "What happened to class?". *Environment and Planning*, 32: 1011-1032.
- SMITH, Paul. (1993), "A memory of marxism". *Polygraph*, 6 (7): 98-105.

CURRY, Neil

SPRINKER, Michael. (1992), "The royal road: marxism and the philosophy of science". *New Left Review*, 191: 122-144.

WATERHOUSE, Keith. (1959), *Billy Liar*. Harmondsworth, Penguin.

ZIZEK, Slavoj. (2000), "Class struggle or postmodernism? Yes, please!", in Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Zizek, *Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left*. Londres, Verso.